

Colectânea de Textos

Expelindo Epifanias by Inês Reis

Cover by Diego B.Monti



Índice

Prosa	3
Uma carta	3
A família da Perna-Coxa	4
As coisas extraordinárias e as coisas fantásticas também são verdadeiras	5
Quando eu tinha cinco anos... ..	6
Sentidos	7
Um conto	8
A Lenda dos Monges do Sado	9
A História do Hotel Lendário	10
Um sonho moralizador	11
O Verdadeiro Espírito de Natal	12
O Mundo da Imaginação	14
Viagem Insólita	19
A Menina Extraterrestre- Versão 1	20
A Menina Extraterrestre- Versão 2	21
Nós	23
Um Mistério por desvendar- o mistério das Profundezas	25
Acasos	32
Sem Título	33
À vontade	34
Memórias de uma velha	35
Mais uma Ceia	36
Micro Narrativa	37

Prosa

Uma carta

Natércia,

Quando receberes esta carta, finalmente poderás saber o que aconteceu naquele ano, naquele mês, naquele dia, naquela hora e naquele local, que até hoje, me assombra e deslumbra simultaneamente.

Era eu ainda jovem quando fui chamado para uma embarcação que, segundo dizia o capitão, iria ser memorável, e foi. Era responsável pelos trabalhos de que ninguém queria ter. Limpava, servia, arrumava, informava, tratava das velas, tratava do abastecimento do vinho e nalguns casos, formava e instruía os prisioneiros para que também me pudessem ajudar. Não, não era escravo, era apenas daquelas pessoas que não tinha a boa vida dos capitães dos navios. A viagem corria bem e eu não me queixava apesar do posto. Além disso, tinha várias vantagens: conhecia novas terras, às vezes até comia bem e conhecia gente nova. Até um dia, em que tudo mudou. Era de noite e para caminho incerto íamos, quando nos deparamos com um nevoeiro em que, nem um palmo à frente se via. Foi tudo tão rápido! Uma onda virou a embarcação ao contrário, as riquezas desapareceram, os homens afogaram-se, mas eu sobrevivi. Sobrevivi e até estou bem da vida, porque no dia seguinte, dei à costa com o tesouro a meu lado! Ouro, esmeraldas, prata, moedas, vinho, pérolas, tudo numa arca tão pequena. Enfim, foi o maior terror da minha vida, mas também a minha maior sorte!

Até à vista,

Um amigo.

(15 anos)

A família da Perna-Coxa

Numa noite, a família da Perna Coxa tinha-se reunido para jantar. Eram 9 horas da noite.

A mãe, Rosalinda, trazia o jantar. Os gêmeos, os talheres e os pratos. E o pai os copos. Para colocarem na mesa, na sala de jantar.

Iam comer bacalhau com batatas cozidas, mas antes uma sopa de legumes.

- Uhh!- diziam os gêmeos quando sabiam da entrada, pois eles odiavam e quando era de legumes ainda pior.

- Esta sopa, faz-vos crescer, ficarem mais fortes e saudáveis- dizia a mãe.

Os gêmeos arranjavam sempre maneira de não comerem a sopa, ou davam ao rato, que um dia ficou tão cheio, tão cheio de sopa, que os gêmeos nem podiam entrar no seu próprio quarto, era cá um cheirete, mas depois o rato Jeremias lá adormeceu; também costumavam antes de jantar, fazer um buraco no chão que ia dar ao esgoto e deitavam por aí, nem davam valor ao dinheiro que se gastava em comida.

Mas desta vez, eles fizeram uma coisa diferente: inventaram uma constipação, que parecia mesmo real, senão, não comiam, ah! E com casaco. Mas afinal eles tinham era posto um tubo que ia dar da boca, tapado com o cachecol, e seguia até a uma embalagem, escondida dentro do casaco. Ou seja, eles comiam, mas não comiam, fingiam que comiam, em vez de porem na boca, ia para o tubo. Quando acabaram de comer, foram à casa de banho, o que não era habitual, iam despejar a sopa para a sanita, mas, foram descobertos, porque depois de eles irem para a casa de banho, estavam a conversar, a mãe e o pai, que a sanita estava estragada, o que se metia na sanita, saía pelo fogão, é complicado mas é verdade. E foram apanhados.

Quando voltaram à mesa, o pai e a mãe estavam a apanhar a sopa, coitados.

E foi assim, ficaram de castigo e o rato ficou-se a rir, e a comer, e a ver filmes, tudo como se fosse da realeza.

(22 Outubro 2008. 11 anos)

As coisas extraordinárias e as coisas fantásticas também são verdadeiras

Era uma vez um grupo de cinco crianças: a Margarida, o Miguel, a Mafalda e o Manuel e por fim, a Mimi acompanhada pela sua avó Prudência, mas que na verdade todas as crianças lhe tratavam por avó. Era uma grande investigadora, a avó Prudência.

Um dia, foram as cinco crianças passear no jardim, um jardim que havia perto da casa da avó, enquanto a avó fazia uma bela tarte de maçã.

Quando iam a andar, encontraram uma gruta muito cintilante, parecia que tinha ouro e diamantes.

Rapidamente, alertaram a avó Prudência, que teve de interromper a sua receita, mas não houve problema.

Entraram lá dentro da gruta, juntamente com a avó e o que lá foram descobrir!

Uns pequenos gnomos na sua “aldeia”, quer dizer, dentro da gruta, das suas casas faziam lembrar uma pequena aldeia.

Depois, acharam aquilo extraordinário e fantástico, mas era verdade e, falaram com eles até ao anoitecer.

Ah! E a sua luz cintilante (da gruta) era na verdade o “sol” daquela aldeia dos gnomos, pois a gruta era escura, muito escura.

(sem data)

Quando eu tinha cinco anos...

O sol batia nas cabeças desprotegidas das pessoas sentadas na esplanada. Umas bebendo o seu café e contando as novidades ou cusquices às amigas; outras apreciando aquele dia bonito de céu azul e sol brilhante e, ainda, outras simplesmente sentadas a passar o tempo.

Estava eu, ainda pequena, a brincar na relva ali perto, vigiada pela minha tia e pela minha avó.

A única coisa de que me lembro foi de correr, arrepiada e em pânico, para a mesa onde estavam as minhas guardiãs.

Tinha pisado um formigueiro e as pequenas marchantes tinham-me escalado as pernas. Ainda hoje me arrepio quando me lembro.

Rapidamente me ajudaram a livrar das incómodas criaturinhas que, naquele dia de sol, eram como cavalos de corrida.

O que é certo é que as formigas ainda me afectam e, claro, a relva já não se pisa!

(16 anos)

Sentidos

Sentidos: uma palavra tão pequena e simples mas tão ambígua e profunda no seu conteúdo.

Mesmo antes de conhecer o mundo, o ser humano é capaz de sentir tudo o que se passa dentro da cúpula que é o ventre materno. Sente e aprende. Sente e absorve e o sentido torna-se parte dele e da sua essência.

Ao longo da sua vida, esse sentir torna-se uma rede complexa formada a partir dos inúmeros estímulos que continua a receber e, a absorver do meio. E é assim até à última Hora.

Esses estímulos, serão peças e mecanismos que construirão a máquina que é o Homem. E quantos mais mecanismos possuímos, mais fácil é a nossa deslocação no meio que nos rodeia.

Desde que abrimos os olhos à primeira claridade da manhã, o processo começa. Saindo à rua, atinge-se o auge e adormecendo, esse processo diminui mas não desaparece.

E é ao recebermos esses estímulos que nos tornamos mais ricos e conhecedores do que nos rodeia. Por exemplo, sabemos que o alfinete pica, que o sol queima e que o mau cheiro nos repulsa.

Mas uma medalha tem sempre dois lados e não poderia deixar de ser assim com os estímulos. Quando em demasia, causam-nos um distúrbio: a poluição, como uma enorme fila de carros a buzinar sem cessar. Existe também um outro lado que é o mais enganador: nem sempre os estímulos que recebemos são verdadeiros, como a Lua que tem luz própria.

Mas o que poderíamos fazer sem eles? Nada.

(18 anos)

Um conto

Tudo se passou numa noite de lua cheia, fria e só.

Iam os pescadores então, à pesca, um trabalho árduo e difícil mas que era o seu ganha pão. José Sousa era pescador até àquela noite.

O mar estava calmo e já bastante peixe tinham apanhado, por isso iam regressar. A lua cheia e brilhante, recaía sobre as suas cabeças. José, era da casa dos cinquenta, estatura média, cabelo grisalho e pele morena e salgada, tinha um pressentimento, mas era como os que já tinha tido há várias semanas.

Era um sentimento estranho que sentia, quase como um “aperto” no coração. Toda a tripulação estava feliz pois, depois de mais um dia de trabalho, iam chegar a casa e José não queria “estragar” aquela felicidade.

Deviam ser umas três, quatro da manhã quando se começam a ouvir umas vozes. Umas vozes suaves e misteriosas. Nesta altura, os pescadores pensavam estar a sonhar, mas não, não era um sonho.

José Sousa debruça-se sobre o barco depois de acordar. Desequilibra-se e cai. O resto continuava a dormir.

No dia seguinte, chegaram à costa e José não estava lá. O seu corpo foi encontrado dias depois, mas o mais estranho é que o cadáver estava coberto de brilhantes, como se fossem feitos de água.

(08 Maio de 2012. 15 anos)

A Lenda dos Monges do Sado

Tinha anoitecido. O tempo estava calmo e o céu limpo. Não se ouviam as aves noturnas como os mochos, nem os uivos dos lobos ao luar.

A lua cheia e brilhante, reflectia-se nas águas do rio Sado, tal como as árvores da Serra.

Então, foi quando tudo começou.

Reza a lenda que naquela noite, os monges do Convento da Serra da Arrábida, tinham ido fazer uma caminhada ao luar em honra de Deus e da Natureza.

Eram cerca de vinte, todos em fila, transportando símbolos religiosos como cruzes, terços, santos, a Bíblia e também velas que iluminavam o caminho.

Assim lá foram os monges pela Serra, andando com cuidado, e, pararam num local onde conseguiram ver o mar.

Estavam todos lado a lado a observarem o lindo, maravilhoso, brilhante e delicioso rio Sado. Fecharam os olhos e rezaram.

Entretanto, de entre as águas, uma luz branca meio azulada e meio esverdeada, sobressaía.

Quando viram aquela estranha luz, assustaram-se. Crentes em Deus não acreditaram no que viram. Então, reforçaram as rezas e a sua fé.

Os que levavam as velas deixaram-nas cair com o susto, quase queimando as suas vestes.

Assim, a maioria voltou para o Convento, rezando a noite inteira. Mas ficaram seis e foram averiguar. Num barco a remos, foram até ao local sem medo.

Foram remando, remando e pararam no meio do rio. A lua parecia estar cada vez mais próxima. Estava escuro e tinham apenas uma luz.

Começaram a ouvir umas vozes muito belas e suaves, como uma melodia e adormeceram. A noite foi passando, os lobos começaram a uivar no cimo da Serra e os mochos, assustadores, colocaram-se nas árvores.

Nos dias seguintes àquela noite, o resto da população do Convento procurou os monges.

Até hoje, não se sabe ao certo o que aconteceu. Uns, dizem que caíram nas cantigas das sereias, outros dizem que foram atraídos pelas profundezas e para lá levados.

Enfim, o mistério permanece vivo sobre o desaparecimento dos poucos monges que tiveram a coragem de averiguar uma coisa estranha e bizarra no Rio Sado, naquela noite de lua cheia.

(curso visão Junior, 14 anos)

A História do Hotel Lendário

Há muitos, muitos anos, estava de férias, uma senhora muito bonita, simpática e chique, chamada Alegria.

Tinha ficado num hotel.

Andou três horas de elevador sozinha, para chegar à sua suíte no milésimo primeiro andar. Durante essas três, cantava, lia, olhava-se ao seu espelhinho que guardava sempre na sua chique e linda bolsinha de seda, até que se começou a fartar de estar ali fechada, sozinha, sem ninguém, estava no nonogésimo nono andar, ainda nem tinha chegado aos 100! Bom ela lá continuou e continuou., nonogésimo nono, centésimo,...

De repente, sentiu o elevador a tremer, as luzes apagaram-se e Alegria começou a sentir o seu cabelo a ser mexido, a ver uns olhos fluorescentes que metia medo, depois gritou e adormeceu aos braços da criatura de olhos fluorescentes.

A sua amiga, Sharpay, telefonou-lhe e ninguém atendia. Ficou bastante preocupada, porque a sua amiga atendia sempre, mal suava o toque! Então, pensou que tivesse sido levada pelo Fantasma das Trevas, pois havia uma lenda desse fantasma que dizia: "quem ficasse sozinho num elevador e se as luzes se apagassem, ele raptava essas pessoas e nunca mais eram vistas!"

Sharpay, que andava sempre com o seu lindo e chiquérrimo portátil, único em todo o mundo, pesquisou sobre o Fantasma das Trevas e quantos resultados apareceram! Uns biliões! Inúmeros avisos a dizer: "Não fique sozinho nos elevadores!" ou "Tenha cuidado".

A amiga de Alegria, abriu uma das muitas, muitas, muitas, muitas páginas de pesquisa e nessa página dizia que o Fantasma das Trevas, escondia-se numa gruta. Foi até lá, capturou o Fantasma para dentro de um frasco, salvou a amiga e fez notícia sobre "A captura do Fantasma das Trevas". Viveram felizes e construíram este lindo hotel.

(29 Dezembro 2008. 11 anos)

Um sonho moralizador

Numa noite chuvosa e com muito vento, uma família de uma aldeia ia servindo a ceia de Natal que consistia em ovos crus, batatas cozidas inteiras e brócolos.

A família estava muito animada, mas triste por ver que o seu cão, Valente, estava magro e esfomeado.

Entretanto, chega um lobo do tamanho de um cão médio e por isso, a família não teve medo.

Tinha a cabeça para o lado e um frasco que trazia na boca que tinha lá dentro uma mensagem que a senhora mais idosa da família leu: “As aparências iludem”, mas não ligaram nenhuma.

Ficaram com mais pena do lobo do que o seu cão, Valente, por causa da sua aparência tristonha. E o lobo desapareceu.

Passado um pouco as pessoas da família ouviram o seu cão a ganir e desataram a correr para o monte de palha e viram então, o Valente a ser mordido e morto pelo lobo e o lobo a roubar-lhes a comida.

Aquela família nunca mais passou a ser a mesma, pela morte do seu cão e o roubo da comida.

Toda a família ficou a perceber que as aparências iludem e que a aparência não significa o que as pessoas são ou mesmo os animais e também entenderam a razão de o lobo levar aquela mensagem dentro de um frasco na boca.

(05 Agosto 2008. 11 anos)

O Verdadeiro Espírito de Natal

Era noite de Natal, e a família do Menino Rico tinha começado a abrir os presentes.

A árvore de Natal era enorme e estava cheia de cores. Tinha bolas prateadas, laços vermelhos, sinos verdes e no topo, a maior das atenções: a grande estrela dourada.

A casa estava enfeitada de acordo com a ocasião. Tinha luzes de várias cores, tal como a árvore, tinha uma grande lareira e decorações de Natal, desde um presépio de madeira com plantas reais, a um boneco de neve com um cachecol azul, colocado à porta de casa do lado da rua, claro.

Na sala, que era onde estava a grande e majestosa árvore, havia uma fita pendurada na parede que dizia Feliz Natal.

Em casa do Menino Rico, toda a sua família se reunia à volta da árvore, a abrir os presentes.

Todos os seus familiares abriam os embrulhos de Natal, de acordo com o nome que lá estava escrito, ou seja, se o nome fosse o deles, abriam.

Era uma família que não se manifestava através do afecto e do carinho, mas sim através da sua frieza. Por isso, ninguém agradecia nada a ninguém, ninguém queria saber quem lhes tinha oferecido o quê, e ninguém dava valor ao que recebia. Apenas se limitavam a rasgar o papel de embrulho e a passar o tempo, recebendo prendas.

Assim, o tempo foi passando e o relógio tocou as doze badaladas. Como os presentes já tinham sido abertos e o serão já tinha acabado todos os familiares do Menino Rico e dos seus pais foram para as suas casas.

O Menino Rico foi dormir, pois já eram horas e, teve o sonho mais estranho até ao dia.

Tinha acordado dentro de uma tenda, com candeeiros ainda a petróleo e voluntários da ajuda humanitária. Sim, o Menino Rico tinha acordado num país pobre, África.

Ao princípio ficou muito assustado e não reagiu. Claro que ele ainda pensava e sabia que era dia de Natal, mas naquele sítio, não havia nenhuma árvore de Natal tão grande e brilhante como a dele, não havia nenhuma fita a desejar um Feliz Natal, não havia nenhum presépio e muito menos, presentes.

Rapidamente se apercebeu de onde estava e continuou a viver aquele momento, tirando uma lição que lhe serviu para a vida.

Apesar de a família dele (sendo ele outro menino), ser pobre e não ter presentes nem decorações que fizessem lembrar o Natal, estava feliz e os olhares de cada brilhavam.

Ali, os presentes eram insignificantes e o carinho, substituíam-os.

A felicidade e o amor pelos outros eram puros, vinham de dentro e não de bens materiais.

Nesta altura, o Menino Rico acorda e levanta-se, vai até à janela, olha para o céu e pensa no seu sonho. Agora, parecia mais leve e feliz.

No dia seguinte, decidiu juntar todas as coisas de que não precisava, incluindo brinquedos, roupa e sapatos e, decidiu dar a quem mais precisasse.

No final, aprendeu uma grande lição:

A felicidade, a alegria e o bem-estar, todas as coisas boas, não vêm de objectos, de bens materiais, pois podemos ser felizes com pouco e o que interessa é sentirmo-nos bem com nós próprios.

A felicidade não vem embrulhada.

(14 anos)

O Mundo da Imaginação

Era uma vez, uma menina chamada Margarida e tinha 8 anos.

Tinha cabelos ruivos, uma linda cara com sardas, uns olhos verdes como a relva e a sua pele era branca, muito branca, como a neve. No cabelo, usava uma flor que arrancava do seu pequeno jardim, era um malmequer.

Margarida vivia numa casa pequena de cinco divisões com uma senhora que a tinha acolhido porque os pais da menina, tinham morrido e não tinha mais família que conhecesse.

A senhora que ficou com Margarida, chamava-se Rosa, era velhinha, muito velhinha e parecia mesmo da família da menina, pois, também tinha cabelos ruivos, sardas e a pele branca. Rosa, ensinou a Margarida algumas coisas sobre a religião cristã e assim fazia com que a menina frequentasse a catequese e fosse à missa.

A Margarida andava no terceiro ano. Tinha boas notas, era pontual, participativa, atenta e sabia sempre responder ao que a professora perguntava, mas Margarida andava triste, as outras crianças não queriam ser amigas dela. Até que, um dia, quando acabaram as aulas, a menina foi para casa sozinha porque a casa era já ali ao pé. Foi até ao pequeno jardim e sentou-se no meio das ervas até à hora de almoço, pois as suas aulas eram todas de manhã e por isso tinha a tarde livre. Quando estava sentada no meio das ervas, ouviu um suspiro que a deixou intrigada.

Depois, Rosa chamou a menina para almoçar e, durante o almoço, Margarida contou o que lhe tinha acontecido e a senhora respondeu:

- Minha menina, para esclareceres essa curiosidade estranhíssima, vais fazer os trabalhos de casa e vamos ver as duas o que te deixou assim ansiosa.

- Está bem, avó.

- Gosto muito de ti, minha filha.

- Eu também avó.

E assim foi, Margarida fez os trabalhos de casa e quando os acabou, disse à sua “avó”, tratava assim a senhora e lá foram. Margarida, disse a Rosa para também se sentar no meio das ervas e, começaram então, a ouvir misteriosos suspiros.

Começaram a seguir os misteriosos suspiros pois agora estavam as duas muito, mas muito curiosas.

Quando deixaram de ouvir aquilo, estavam perante duas flores, uma Rosa e uma Margarida e olhavam uma para a outra, porque os seus nomes eram idênticos aos nomes daquelas flores e acharam imensa graça.

De repente, sem estarem à espera, as flores abriram-se como um relâmpago e da Rosa saiu um gnomo que deu um salto enorme até ao ombro de Rosa e da Margarida saiu outro gnomo, mas desta vez, desceu pelo caule e foi até às mãos de Margarida.

A seguir, disseram os gnomos em coro para as duas:

- Gnomomagia!

E, depois de dizerem aquilo, apareceu uma árvore enorme com um pequeno buraco marcado na relva ao pé da mesma. Era uma árvore mágica.

Num abrir e fechar de olhos, apareceram os quatro num sítio esquisito e estavam do tamanho dos gnomos, era dentro do tronco da Árvore Árvore, a árvore que os gnomos tinham colocado no pequeno jardim e, era, onde viviam os gnomos. Depois, os gnomos começaram as apresentações:

- Olá, antes de mais nada, queríamos pedir-vos muita desculpa, trouxemos-vos ao tronco da árvore mágica, Árvore Árvore e agora vamos até ao Mundo da Imaginação, onde as duas, outra vez, ficarão pequenas. Eu sou o Salto e este meu amigo é o Caule.

- Olá, estão desculpados. Eu sou a Margarida e esta senhora é a minha avó Rosa.

- Então, já que nos conhecemos, vamos até ao Mundo da Imaginação. Gnomomagia!

Noutro abrir e fechar de olhos, estavam no Mundo da Imaginação e Margarida e Rosa, olhavam contentíssimas para aquele Mundo. Margarida, depois de olhar a seu redor, veio à ideia ser feiticeira sem saber porquê e num segundo estava vestida de feiticeira e exclamou preocupada para os gnomos:

- Ai! O que é que eu fiz? Ai!

Entretanto, os gnomos explicaram que no Mundo da Imaginação, havia muitos poderes e, que ela, só tinha descoberto o Poder do Pensamento.

No Mundo da Imaginação havia também muitos animais e os gnomos queriam indo apresentando-os, mas não havia muitas oportunidades porque ainda estavam a conhecer o Mundo.

- Quando nos quiserem chamar é só irem ao buraco junto da árvore.

- Está bem – respondeu Rosa maravilhada.

Rosa e Margarida estavam muito impressionadas por aquilo ter acontecido na vida de ambas.

A seguir voltaram para casa e Rosa viu as horas. Ainda eram três horas da tarde e o mais engraçado é que tinham ficado no Mundo da Imaginação muito tempo e saíram às três horas da tarde de casa e voltaram a essas mesmas horas, pois, no Mundo da Imaginação, não havia tempo e foi isso que os gnomos lhes explicaram.

Depois daquela impressionante explicação, Margarida exclamou:

- Boa! Então, posso ficar o tempo que eu quiser no Mundo da Imaginação!

- Pois é – disse Rosa.

- Então, Caule e Salto, vocês vieram das flores, porque é que não vieram da terra, como é que nasceram e quantos anos têm? - Perguntou Margarida muito interrogativa.

- Primeiro – disse Caule – viemos das flores porque a Rainha dos Gnomos nos mandou para uma missão, é como se fosse uma casa.

- E que missão?

- Bom, nós não queríamos falar nisso, mas é que em breve irá acontecer algo muito grave que não sabemos, só a Rainha dos Gnomos.

- Segundo – disse Salto – nós, nascemos da Imaginação, como as fadas, por exemplo, a Rainha dos Gnomos, a nossa Rainha do Mundo da Imaginação, inventou-nos.

- Por fim – disseram em coro – nós temos milhares de anos, por isso, somos infinitos.

Depois desta conversa, Margarida ficou preocupada por em breve acontecer alguma coisa grave e decidiu pedir aos gnomos para falar com a Rainha, mas eles não deixaram, porque só podiam falar com a Rainha os gnomos e mais ninguém, e só excepcionalmente.

Às cinco horas, Margarida foi lanchar. Rosa tinha feito quatro sandes de queijo e fiambre acompanhadas de sumo de laranja.

Ao lanche, conversaram sobre o Mundo da Imaginação e ficaram a saber que, a Rainha vivia num sítio que ninguém sabia, nem os gnomos e para os gnomos falarem com a Rainha, levavam uma fita preta nos olhos para não saberem o caminho, e os únicos que sabiam o caminho muito esperado, pois ainda ninguém tinha conseguido lá chegar, eram os Guardiões do Castelo da Rainha.

Depois do lanche, Margarida ficou entusiasmadíssima com o que os gnomos contavam, o Castelo, a Rainha, sítios secretos, enfim... E, então, decidiu ir ao Mundo da Imaginação sem ninguém saber e lá foi. Foi até ao pé da árvore, meteu-se em cima do círculo que lá estava, o círculo mágico, deu um salto e estava no Mundo da Imaginação.

Andou, andou, andou e encontrou a aranha que lhe perguntou admirada:

- Então o que fazes aqui sozinha?! E os teus amigos gnomos? Como vieste cá ter? O que se passa?

A aranha perguntou tanta coisa que a menina nem conseguia responder.

-Eu veio aqui sem ninguém saber nem os amigos gnomos.

- O Caule e o Salto?

- Sim, eles mesmos, mas como sabes?

- Olha, eu vou-te contar um segredo: os teus amigos, os meus também, o Caule e o Salto, têm umas antenas escondidas debaixo do capuz às bolinhas.

- Oh, mas isso é normal os gnomos terem antenas escondidas para não ficarem feios.

- Não, não estás a perceber, é que as antenas podem indicar onde estão as pessoas!

- Ai, ai de mim!

- Não te preocupes, vem para a minha gruta, lá, não dá para se ser localizado.

- Está bem, obrigada.

Margarida para não ser descoberta pelos gnomos seus amigos, foi até à gruta, e o pior é que não sabia que estava a ser enganada.

Caule e Salto, não se tinham apercebido que Margarida se tinha ido embora, até, que Rosa chama Margarida e ela não responde.

- Margarida, Margarida! - Gritava Rosa desesperada, mas ninguém respondia.

Caule e Salto disseram a Rosa que a podiam localizar porque tinham antenas mágicas e tentaram, mas não havia sinal e, então deduziram que estava na gruta da Aranha, pois aí é que não havia sinal.

- Senhora Rosa, já sabemos onde é que ela está e por isso vamos ao Mundo da Imaginação e se quiser pode vir connosco. E Rosa foi.

Enquanto os gnomos iam procurá-la, Margarida estava dentro da gruta e agora, estava enrolada nas teias.

A seguir, a Aranha disse-lhe a verdade, que a queria comer, mas Margarida insistia que não lhe fizesse mal.

Entretanto, enquanto conversavam, chegaram os gnomos e Rosa de surpresa e disseram à pobre menina que não tivesse medo, porque a Aranha além de não ter poderes, também

não era invencível. Os gnomos usaram a sua magia para adormecer a Aranha, pois assim, dava a oportunidade de libertar Margarida.

Fizeram tudo muito bem feito e como estavam no Mundo da Imaginação, deu-lhes a oportunidade de dar a conhecer os outros animais, mas antes das apresentações, Rosa e os gnomos avisaram Margarida para não fazer mais nenhuma coisa desta.

Primeiro conheceram a caturra, que era muito barulhenta, mas muito simpática: a seguir a formiga, que era muito trabalhadora, trabalhava todo o Verão para ter comida no Inverno, o seu formigueiro era um burquinho muito pequeno que só cabia uma formiga mas por baixo da terra, era enorme; depois conheceram a abelha que fazia muito mel e por fim a cobra, uma grande cobra, mais ou menos com cerca de quinze metros e não era má como as outras cobras, era boazinha, simpática e muito honesta.

Rosa estava já cansada do dia atribulado que teve e decidiu voltar para casa. Despediram-se de todos os animais e tiveram pena de não puderem conhecer o resto da vida animal, mas mesmo assim não ficaram insatisfeitas.

Quando voltaram para casa, sabendo que ainda eram cinco da tarde, Rosa tinha imenso que fazer em casa. Limpou os dois quartos, o dela e o da Margarida, a sala, a casa de banho, e por fim a cozinha. Quando acabou as limpezas, já eram sete horas e foi fazer o jantar enquanto Margarida e os gnomos brincavam com muita alegria no meio das ervas do pequeno jardim.

Rosa não se estava a sentir bem e não quis dizer nada à menina nem aos gnomos para não os preocupar. Sem dar por isso, Rosa desmaiou, pois já com oitenta e sete anos já não se tinha muita força para aguentar estas aventuras, mas Rosa tendo aquela idade, era uma senhora cheia de saúde e com um espírito jovem.

Margarida e os gnomos estavam a ficar preocupados por Rosa não lhes chamar para o jantar e decidiram ir lá ver.

Rosa estava desmaiada, mas quando os três chegaram, já era tarde de mais, não respirava, estava morta.

Margarida desatou a chorar e enquanto chorava, cantava uma música, que a sua mãe lhe cantava quando era viva:

- “ Se não adormeces, não chores, levam-me contigo”

Os gnomos muito tristes resolveram fazer uma magia para levantar o corpo da senhora para a cama. A seguir fizeram outra magia para Rosa voltar a viver.

Rosa voltou a respirar.

Rosa, quando estava morta, conseguiu, por magia, ouvir a música que Margarida cantava.

Viram que tinham muito em comum e pensaram fazer exames para ver se eram parentes e a verdade é que Rosa era avó de Margarida.

No final, Margarida ficou a saber a missão da Rainha.

(27 junho 2008. 12 anos)

Viagem Insólita

Vasco da Gama estava em alto mar, já perto do Cabo das Tormentas, quando decidiu registar as suas coordenadas geográficas. Tirou a sua dourada bússola de um dos seus bolsos do seu enorme casaco, colocou-a na palma da sua mão esquerda e procurou o Norte. Surpreendentemente, a bússola estava desorientada, dava voltas, voltas e voltas e não apontava o Norte. Para não perder mais tempo, Vasco da Gama olhou então para as estrelas- uma maneira primitiva dos povos se situarem no espaço mas, não reconhecia nenhuma constelação. Impressionante!- repetia Vasco da Gama vezes sem conta, pois naquela situação, como se iria localizar e, registar as suas coordenadas?

A tripulação da nau não respondia ao pioneiro das Descobertas marítimas, quando este lhes perguntava o que havia de fazer. Estavam hipnotizados! Tinha sido Baco a hipnotizar os marinheiros, a desmagnetizar a bússola e até, a baralhar as estrelas! Gritando e rindo, Baco dirigiu-se a Vasco da Gama e avisou-o que só o ia deixar em paz quando este regressasse a casa e terminasse ali a sua viagem. Esperando um milagre, Vasco da Gama pediu a Deus que o ajudasse. Baco, continuava numa enorme gritaria e risada, mas nem isso impediu o Mestre de se concentrar e rezar.

Melhoras no tempo- anteriormente o céu estava escuro e cheio de nuvens, obra de Baco- e preces ouvidas, apareceram passado um pouco as Ninfas que com o seu suavíssimo canto, atraíram Baco até às profundezas e obrigaram-no a desfazer todas as partidas que tinha feito a Vasco da Gama. Indiferente à presença das Ninfas, o marinheiro continuou viagem e, já sem obstáculos, regista as suas coordenadas e agradece a Deus.

Navegava, navegava e navegava agora livre de perigos. Sem se aperceber de tão confiante que estava, passa o Cabo das Tormentas sem complicações. O que era muito estranho, pois dizia-se que lá, havia um Gigante que engolia as naus que por ali passavam.

Lancem a âncora! Mandou o Capitão. Tinham avistado terra e por isso, decidiram atracar. Toda a tripulação se sentia feliz. Imediatamente aproximaram-se, desembarcaram e começaram a explorar o novo território. E que surpresa! O local “desconhecido” era Belém.

Tinham voltado a Lisboa? A verdade é que a “terra incógnita” não passava de uma miragem e aquele “momento de descoberta” não tinha sido real. Tudo tinha sido, apenas

um sonho de Vasco de Gama com um final um pouco estranho.O pior, ainda estava para vir com uma enorme tempestade e claro, a futura descoberta seria verdadeira...

(sem data)

A Menina Extraterreste- Versão 1

Uma vez, numa aldeia chamada Àstrim, numa noite de lua cheia, de repente, apareceu uma luz enorme que encadeou toda a aldeia.

Um dos moradores de uma casa, abriu a janela de uma divisão e gritou:

- Mas o que vem a ser isto? Já não se pode dormir em paz?

- Não faça pergunntas e veja!- responddeu uma senhora para o morador.

Depois o silêncio tornou-se numa grande gritaria que ninguém estava a prestar atenção ao que estava a acontecer. A luz intensa que deslumbrou toda a aldeia, desapareceu. Tdos os habitantes saíram das suas casas, e estava ali, perante os oolhos de todos, uma seimples menina caída do céu.

A seguir, apareceu uma mulher mais ou menos com 36 anos que disse a todos:

- Silêncio! Silêncio! Eu estou aqui para levar esta menina comigo e não me podem impedir, pois sou cientista e quero estudá-la!

- Não, não, não e não, essa é que era boa! Chega aqui, diz que quer levar esta menina e não se passa nada! - disse aquele morador que refilou quando viu a luz, o senhor Joaquim.

Mas com tanta discussão, a menina caida do céu, desapareceu.

- Onde foi ela?- perguntou a cientista.

- Hahahahah!- começou-se a rir o Joaquim.

- De que se está a rir?- perguntou ela.

- De nada, não ligue, esqueça. Hahahaha!

O Joaquim, para gozar ainda mais com ela, a cientista de nome Cecília, começou a dizer ao ouvido de uma pessoa já de idade, que a menina estava no céu, na direção da cabeça dela a fazer caretas e assim a mensagem foi andando. Até que Cecília apanhou a menina com a mão e disse:

- Agora vens comigo!

A menina disse uma coisa esquisitíssima que ninguém percebeu, excepto o senhor Joaquim que traduziu o que a menina disse:

- Eu sou extraterrestre e ninguém me pode levar, só uma nave que virá brevemente.

E assim foi, passados três anos, voltou a tal nave de que falara, pois tinha deixado-a na Terra. Em sinal de agradecimento deu a todos os habitantes uma pena branca.

E assim ficou: "A Menina Extraterrestre".

(23 junho 2008. 11 anos)

A Menina Extraterrestre- Versão 2

Uma vez, numa aldeia chamada Àstrin, numa noite de lua cheia, de repente, apareceu uma luz enorme que encadeou toda a aldeia.

Um dos moradores de uma casa, abriu a janela do seu quarto e gritou:

- Mas o que vem a ser isto?

- Não faça pergunntas e veja!- gritou uma moradora para o senhor.

Depois o silêncio tornou-se numa grande gritaria que ninguém estava a prestar atenção ao que estava a acontecer. A luz intensa que deslumbrou toda a aldeia, tinha desaparecido. Todos os habitantes saíram das suas casas e estava ali, diante dos olhos de todos, uma simples menina caída do céu.

A seguir apareceu uma senhora adulta que disse a todos:

- Silêncio! Silêncio! Eu estou aqui para levar esta menina comigo! Sou cientista e quero estudá-la!

- Não, não! Essa menina é nossa! Você não pode chegar aqui e dizer que vai levar esta menina - disse um morador.

Com tanta discussão, a menina caída do céu, desapareceu.

- Onde é que ela foi? – perguntou a cientista.

- Não sei, mas...Hahaha! – disse uma pessoa.

- De que se está a rir?

- De você, senhora cientista, do que haveria de ser? Haha!

O homem para gozar ainda mais com ela, começou a dizer ao ouvido de uma senhora já de idade:

- Já viu?

- Já vi o quê?

- Ali no ar, na direção da cabeça da cientista!

- Hahaha!

- Passe a mensagem- disse o homem.

E assim foi, todos se começaram a rir porque a menina, estava no ar a fazer caretas para a senhora cientista.

A senhora tão enervada, estendeu o braço para cima, apanhou a menina e disse:

- Agora vens comigo!

- Eu sou extraterreeste e não me podem levar! – disse a menina na sua língua, mas ninguém entendeu até que uma pessoa disse:

- Eu sei falar extraterreste.

- Não diga disparates! – disse a cientista e mais umas pessoas.

- Querem ver? – perguntou o senhor. A menina repetia o que ele dizia, respondia, conversava e ele traduziu:

- Ela está a dizer que é extraterreste e que ninguém pode levá-la, só uma nave, que virá brevemente.

A menina abanou a cabeça a dizer que sim e sorriu.

Passados três anos, voltou a tal nave de que falara para vir buscá-la, pois tinha deixado a menina no planeta Terra. Ela, deu a todos os habitantes da aldeia, uma pena branca, como agradecimento, que significava a sua terra e também para que todos se lembrassem dela. Depois da grande partida, as pessoas choraram, até a cientista.

Assim ficou: “A Menina Extraterreste”.

Nós

Durante muito tempo se pensou que o ser humano era resultado de um código determinante inscrito nas milhões de células microscópicas dos organismos, mas os tempos mudaram, assim como as mentalidades e teorias.

O cérebro, presente nas espécies animais, possui funções especializadas que são exclusivas do Homem. No que lhe diz respeito, apesar de pertencermos todos (sem excepção) ao “prédio” da espécie humana, não vivemos todos no mesmo apartamento. Cada um de nós nasce com um cérebro que se tornará com o tempo, individualizado e por isso, diferente de todos os outros. Isto significa que cada pessoa será a arquitectura da sua “cidade mental” e desenhará o seu mapa, tal como a impressão digital. Assim, o processo de individualização cerebral é essencial na construção do Homem enquanto indivíduo.

Somos seres biológicos inseridos numa sociedade e numa cultura e essas componentes não são independentes, muito pelo contrário, interrelacionam-se. A conhecida frase “Não nascemos humanos, tornamo-nos humanos”, pode aqui ser verificada.

O Homem é como um pedaço de barro à espera de ser moldado ou um “kit” a ser montado. No meio intra-uterino começam as primeiras interações do indivíduo ainda embrião, com o meio. Mais tarde, este será ensinado pela sociedade e marcado pela cultura em que está inserido. E assim tornar-se-á um ser bio-socio-cultural até ao final da vida, estatuto ganho graças à lentificação do desenvolvimento cerebral.

Sabe-se hoje que o cérebro e o próprio corpo humano precisa de cerca de duas décadas para completar o seu desenvolvimento, e que as fases da infância e adolescência, serão períodos muito prolongados para lhe proporcionar esse tempo necessário. Essa “lentidão” é no entanto, benéfica, porque possibilita a adaptação do cérebro a um certo contexto e o seu crescimento daí resultante. Esta é uma das características da neotenia (manutenção de características e traços juvenis até muito tarde).

Uma outra característica que faz do ser humano um indivíduo, é o facto de nascer inacabado e prematuro. Esta imaturidade ou prematuridade biológica, ajudará a sua construção. Nascendo apenas com 25% do seu desenvolvimento, os restantes 75% serão produto da sua capacidade de adaptação e interação com o meio. Este inacabamento é algo que constitui uma grande vantagem, senão a maior, a capacidade de aprendizagem.

Por oposta comparação com outras espécies animais, o Homem possui um programa genético aberto, permitindo a sua modificação ao interagir com factores externos, isto é, com o meio, sendo que não é o que temos inscrito nos genes que nos torna humanos, mas sim o que no meio fazemos com o que nos foi transmitido hereditariamente. Esta abertura genética é apenas possível devido à imaturidade biológica do ser humano.

Poderíamos nascer com garras para caçar ou barbatanas para nadar, mas estaríamos limitados devido a essa grande especialização, visto que noutra contexto que não o destinado, não conseguiríamos escrever nem andar, por exemplo. Estamos “abertos” ao mundo e aprendemos. Somos flexíveis e versáteis, ao contrário de determinados a ser de uma certa forma fixa e imutável, caso em que perderíamos a nossa capacidade de adaptação e aprendizagem.

Diz-se que “o Homem é um animal de hábitos” e diz-se bem, porque se quisermos ser de certa maneira, podemos tornar-nos como tal, não existindo barreiras ao conhecimento, à mudança e à adaptação. Para isto, contribui um outro factor, a auto-organização cerebral: este órgão modifica-se a si próprio consoante o modo de resposta a estímulos do meio. Fortalece as ligações mais fortes, as mais usadas e requisitadas, cortando e destruindo as não necessárias. Deste modo, proporciona um grande nível de eficácia e especialização ao indivíduo relativamente a certa atividade, por exemplo, e reduz o desperdício de neurónios que trabalhariam sem propósito, tendo por isso uma grande autonomia.

Revela também, a sua plasticidade, sendo um “mapa cerebral” continuamente alterado dependendo das experiências vividas pelo indivíduo. Este é um aspecto que favorece bastante a possibilidade de aprendizagem do ser humano. De notar é também o facto de o ser humano se poder programar e/ou desprogramar. Por exemplo, uma pessoa que seja dependente de drogas ou álcool pode aprender a deixar esse mau vício, tendo ajuda preferencialmente, por se tratar de um processo difícil.

Adjacente a todos estes conceitos, está a teoria epigenética igualmente chamada de teoria construtiva, que diz: nós construímo-nos a nós próprios, sendo a interação com o meio uma ação sobre os próprios genes. Somos influenciados pelo meio e não estamos por isso destinados a cumprir apenas os nossos genes.

Não há então um cérebro igual ao outro, nem mesmo em gémeos homozigóticos, já que desde o nosso nascimento à nossa morte física, estamos a criar uma história influenciada por inúmeros estímulos. A nossa própria história. Somos uma caderneta de cromos que só fica completa quando morremos, até lá vamos preenchendo-a com as nossas vivências e experiências pessoais que apenas a Vida nos pode proporcionar. E o melhor, é que não há outra igual.

(18 anos)

Um Mistério por desvendar- o mistério das Profundezas

Num dia de Inverno, era a noite de lua cheia, muitos homens viviam na Aldeia da Maré, eram pescadores.

Trabalhavam dia e noite, para conseguirem dinheiro para sustentar a família, pois eram pobres.

As suas casas eram de cor branca, tinham apenas uma janela pequena com vista para o mar.

Aquelas pessoas só comiam peixe, batatas e salada.

De manhã, o mar subia até às rochas e batia, batia, batia e voltava a bater, fazia de “despertador dos pescadores”.

Enquanto os pescadores pescavam, as mulheres encarregavam-se de cuidar da casa, cuidar das crianças, de fazer a comida e de lavar a roupa.

Chegou certo dia em que o mar ficou cheio, cheio de pescadores, era sinal de peixe. Todos os pescadores da aldeia, foram ao mar para pescar. Como era tanto peixe, cada pescador levava mais ou menos 20 sacos de peixe.

Os pescadores estavam tão entusiasmados que nem deram pelas horas, já era meia noite e as mulheres não paravam de gritar desesperadas pelos seus maridos.

As gaivotas andaam em terra e como diz o ditado: “Gaivotas em terra é sinal de tempestade no mar”.

E assim aconteceu, as gaivotas em terra, as mulheres desesperadas e os pescadores em perigo.

Foram passando horas e horas e alguns pescadores iam conseguindo voltar para casa, menos dez pescadores que tinham diso levados pela tempestade e viam-se aflitos.

Já passava das três da manhã e não havia sinal deles, as crianças choravam e as mulheres tinham esperança que os pescadores voltassem.

Os pescadores enquanto tentavam voltar, ouviam umas vozes muito suaves, tão suaves que eles adormeciam no barco. Adormeceram todos menos um, esse que “sobreviveu ao sono”, conseguiu voltar e deu a notícia a todos os habitantes da aldeia, as mulheres que esperavam pelos seus maridos, não conseguiram dormir a pensar neles.

Os outros nove pescadores iam acordando lentamente, mas quando acordavam ouviam outra vez aquela voz suave e voltavam a adormecer, mas o problema é que agora o mar estava mais forte e os barcos estavam a ir ao fundo e os pescadores afogavam-se e morriam.

Morreram oito pescadores dos nove e sobreviveu um que dizia:

- Isto só pode ser obra das sereias, mas eu não acredito em sereias, não, não são sereias, aí onde está a minha cabeça? Não tenho ninguém para me ajudar, tenho de pensar nalguma coisa para me salvar! Pensa, pensa! Se forem sereias eu mato-as, ah, mas é só uma lenda, se forem elas...

O pescador Manuel fartava-se de repetir e repetir o que dizia, afinal, estava em apuros e dos grandes, até que sentiu alguém a puxar-lhe o remo para baixo e ainda ficou mais aflito do que estava, ele, não sabia o que fazer, pensava que ia morrer, mas enganava-se.

- Vem comigo...- disse uma voz muito suave como as vozes suaves que tinha ouvido.

- Não, não, não, estou a enlouquecer- dizia o pescador desesperado.

Mas alguma coisa lhe puxou para baixo, tapou-lhe a boca, o nariz e os olhos e levou-o a uns cem metros de profundidade.

Era um ser esquisitíssimo, era verde, tinha uns olhos mais esquisitos que uma mosca, tinha escamas, um colar com uma concha gigante que lhe tapava o peito, tinha um cabelo que pareciam algas, um lenço que tapava um bocadinho do rosto e as pernas eram uma parte do corpo do peixe, enfim... Devia ser a coisa mais esquisita que o pescador alguma vez viu.

Ele ia descendo com a criatura marinha até que chegou a um sítio que podia respirar, eram os aposentos das sereias.

Algumas das sereias tocavam arpa e muitos outros instrumentos desconhecidos pelos humanos. Também cantavam.

O pescador depois de ver aquele sítio maravilhoso, desmaiou e as sereias foram todas para o pé dele, despiram-no, puseram as mãos de todas em cima do peito do pescador Manuel no sítio onde fica o coração e disseram: Tuti!

Era a palavra mágica que as sereias usavam para transformar humanos em sereias ou então criaturas marinhas. Faziam essas transformações para virar as pessoas contra o Bem; para ficarem a favor do Mal e protegerem a Rainha das Criaturas Marinhas e das Sereias.

Depois daquela “transformação marinha”, o pescador acordou verde, com olhos mais esquisitos que uma mosca, as pernas eram parte do corpo do peixe, tinha escamas e o cabelo pareciam algas, era tal e qual as sereias mas no masculino, mas houve uma coisa que não mudou, a voz.

A sorte do pescador foi essa, porque se as sereias tivessem ouvido ele a falar normalmente sem gritar nem sussurrar como fez no barco antes de ir ao fundo, elas também mudavam a voz, porque assim se o pescador falasse com um colega, o colega conhecia-lhe a voz e salvava-o, o que é o contrário que as sereias querem que é o Mal, e assim elas não sabem

qual é a voz dele e o pescador Manuel pode falar com os colegas e falar com as sereias e com as criaturas marinhas em linguagem gestual.

- Agora vamos levá-lo à Rainha para ele ser ao serviço do Mal- disseram as sereias- Hahahah!

A seguir levaram-no à Rainha para o pescador, agora, uma criatura marinha, ser ao serviço do Mal.

- Muito bem- disse a Rainha- podem ir.

- A seu favor Majestade- disseram as sereias.

- O que quer de mim criatura horrorosa?- perguntou o pescador.

- Quero a tua alma- disse a Rainha.

- Não, não, não!

- Sim, sim, sim!

Entretanto o pescador lembrava-se da família, da sua mulher, dos seus amigos, de toda a gente da aldeia, e lembrou-se de tanta coisa boa que se encheu de amor, carinho e bondade que ficou iluminado por todos os lados e como é lógico venceu a Maldade.

A Rainha das Criaturas Marinhas e das Sereias deixou de existir.

Manuel sentou-se na Cadeira do Poder da Ex-Rainha das Criaturas Marinhas e das Sereias, e foi aclamado Rei.

Todas as criaturas foram chamadas imediatamente à sala da Ex-Rainha para verem quem era o novo Rei.

- Adorem o Rei! Adorem o Rei! – diziam as criaturas.

- Ouçam, eu não sou quem vocês pensam, eu sou humano, as pessoas que vocês transformam e levam à Maldade, cada um de vocês tem de certeza uma família.

- Eu tenho uma família...E..e...

-Diz- disse Manuel.

- E eu gosto muito dela, a minha irmã, os meus pais,..- dizia uma das criaturas e depois de dizer aquilo, transformou-se em humana.

- É isso mesmo, pensem todos vocês na vossa família e amigos- disse Manuel feliz por ajudar as outras pessoas.

E foi assim, todos pensaram na família e nos amigos e com o Poder do Amor, do Carinho e da Bondade, ficaram todos como eram antes, da forma humana.

- Obrigado Manuel por me ajudares- dizia cada criatura, agora humana.

- De nada, eu também fui enganado. Agora é a minha vez – disse Manuel.

- Não, não é- disse Rosa, uma das criaturas Guardiã.

- Porquê?

- Porque, porque..porque quem é Rei ou Rainha nunca pode ficar humano, porque tem de tomar conta do Reino do Mar da Aldeia da Maré – explicaram.

Manuel ficou preocupado, mas pensou e disse:

- Já sei o que fazer, mas vou precisar da vossa ajuda.

- O quê?

- Eu vou levar-vos à superfície e vocês têm de dizer à minha mulher Margarida que venha à margem.

- Está bem.

-Obrigado.

Manuel levou-os todos à superfície, dando-lhes máscaras e coletes para não se afogarem.

Quando chegaram à margem, as pessoas que eram criaturas marinhas mas ficaram humanas devido ao Amor, Carinho e Bondade, devolveram a Manuel os coletes e as máscaras, foram chamar a mulher de Manuel e encontraram-se com a família.

-Manuel?- perguntou Margarida.

- Sim, minha flor, estou aqui, sou eu.

- És tu?

- Sou, sou eu, vem comigo e eu explico-te, confia em mim.

- Está bem.

Manuel tapou-lhe a boca, o nariz e os olhos, e levou-a a cem metros de profundidade, como fizeram as sereias.

- Margarida, aqui é onde vivem as sereias e as criaturas marinhas.

-É mesmo verdade Manuel?

- É, Margarida e eu agora sou o Rei.

- Mas o que é que te aconteceu?

- Eu conto-te. Na noite de lua cheia em que havia tempestade éramos dez pescadores. O Rui, sobreviveu.

- Pois, ele foi avisar-nos. Continua.

- Depois, ficámos nove e oito morreram.

- E tu sobreviveste?

- Sim, sobrevivi, mas antes de os outros morrerem ouvimos vozes suaves, muito suaves que nos levaram a adormecer e eles afogaram-se porque não acordaram e os barcos estavam a ir ao fundo como o meu até que alguma coisa me puxou para baixo e trouxe-me até aqui, era uma sereia, o que eu já calculava mas depois haviam mais e eu desmaiei e elas despiram-me, e disseram uma palavra mágica que me fez ficar assim; elas queriam que eu fosse a favor do Mal para eu também fazer isto aos outros, mas eu, vencí o mal por causa do amor, do carinho e da bondade, venci a Rainha e ela deixou de existir porque era contra o bem e depois como a venci fui aclamado Rei e as criaturas marinhas e as sereias explicaram-me que os Reis e as Rainhas não podem ficar humanos porque têm de tomar conta deste Reino; as outras sereias e as outras criaturas marinhas eram humanos e eu salvei-os.

- Fizeste isso?

- Sim, fiz. E eu queria que tu fosses a minha sereia.

- A tua sereia? Isso quer dizer que vamos viver aqui?!

- Sim, mas não gostas?

- Se gosto! Adoro!

Manuel transformou Margarida segundo o que as sereias lhe tinham feito. Margarida transformou-se numa sereia lindíssima. Os dois beijaram-se e abraçaram-se. Tinham ficado os dois lindíssimos.

A magia do amor de ambos, fez com que ficassem todos mais felizes, bons de saúde, bonitos e a venda do peixe aumentou por isso ganhavam mais dinheiro, as sereias e as criaturas marinhas ajudavam os pescadores.

Com o dinheiro ganho pelo peixe, pintaram as casas da aldeia, plantaram árvores, construíram alguns hotéis e mudaram o nome da aldeia para “Aldeia das Profundezas” e também o nome do Reino das Criaturas Marinhas e das Sereias para Reino das Profundezas.

Passaram anos e anos, cada vez a vida na aldeia corria melhor para todos; os hotéis estavam sempre esgotados e por isso contruíram mais, estava tudo às mil maravilhas.

Chegou uma manhã em que o mar não subia, o sol não se abria, ninguém respondia. Foram longos dias assim. Até que se ouviram uns gritos.

Eram os turistas dos hotéis que insistiam que havia alguma coisa debaixo de água, já desconfiavam do Reino das Profundezas. Iam jornalistas de toda a parte do Mundo; os habitantes da aldeia tentavam avisar Manuel e Margarida, mas não conseguiam.

Então eles foram até à margem para verem como estavam as pessoas, a pesca e a aldeia. Os turistas viram-nos e começaram a tirar fotografias, mas não sabiam que isso podia matar.

- Não! Parem! Parem! – dizia Manuel com os olhos fechados por causa das fotografias.

-Parem! Socorro!- gritava Margarida também com os olhos fechados.

- Mas porquê?- interrogavam os turistas.

- Porque pode matar!- explicavam os dois.

-Desculpem, desculpem, desculpem e desculpem- repetiam os turistas vezes sem conta em coro, muito, mas muito tristes e arrependidos.

- Não faz mal, agora que perceberam, já não voltam a repetir não é?

- Sim e para compensar-vos damos-vos fotografias de toda a aldeia, de outras partes do Mundo, de vocês, dentro de uma bolsa anti-água e também vamos colocar uma placa aqui ao pé da margem a dizer: “Não tirar fotografias a criaturas marinhas. Obrigado”.

- E nós damos-vos uma máquina fotográfica especial para nos poderem tirar fotografias- ofereceu Margarida.

- Obrigado- agradeceram os turistas.

Manuel e Margarida foram até ao Reino das Profundezas, cumprimentaram os guardiões e foram até ao quarto para colocarem as fotografias dadas pelos turistas na parede.

Margarida foi até ao pátio para cuidar das suas plantas. Ia regando, falando, até que lhe começou a cheirar mal. Era preto, líquido, era o petróleo.

Os guardiões tinham morrido, as plantas e os animais, tinha tudo morrido.

Avistavam-se golfinhos que andavam à procura de um mar onde pudessem viver, mas tiveram azar porque foram para o Mar das Profundezas na altura do petróleo.

Os pescadores já não pescavam, pois já não havia peixe.

Com a situação do petróleo, a aldeia, viu que aquilo não podia continuar assim.

As medidas tomadas pela aldeia foram: prender todas as pessoas que despejassem petróleo ao mar e essas mesmas pessoas iam recolhendo o petróleo.

E assim foi, as pessoas que faziam aquilo, recolhiam todo o petróleo e depois eram presas..

A limpeza do mar deixou a aldeia mais descansada. Tudo se estava a compor outra vez, a aldeia limpa, o Mar também limpo, a pesca aumentou, os hotéis estavam sempre esgotados.

Manuel e Margarida tiveram muitos filhos e não se soube quando morreram. Diz a lenda que os espíritos de ambos, ajudavam os pescadores a pescar e que afastavam as criaturas do Mal..

Toda a aldeia viveu em paz, no amor, na bondade, na felicidade, em tudo de bom.

Afinal, até foi bom ser uma criatura do mar.

(04 Agosto de 2008. 11 anos)

Acasos

Às vezes penso nas pessoas. Naquelas por que passei, naquelas que nunca virei. Acho estranho.

Como será conhecer toda a gente e poder dizer que se conhece todo o mundo? Literalmente. Talvez fosse chato. A imaginação para 'o que poderia ser' estaria limitada pelo já visto e determinado. Não haveria o 'e se'. Não haveria pelo que esperar.

Penso também se elas pensam nisso. Ou se vivem com as mentes tão ocupadas quanto um copo cheio que transborda ao mais leve balanço. Acredito que sim.

Todos os dias passo por dezenas, não, centenas de novas caras desconhecidas que de vez em quando vejo em sonhos. Sinistro.

Mas e se essas flagrantes pessoas a que chamamos de 'outras' forem afinal todas as outras possibilidades do que no 'agora' somos? Tal significaria que falaríamos connosco próprios, que nos aturávamos a nós próprios, que seríamos os nossos próprios amantes e até os nossos mais cruéis inimigos? Talvez... O mais provável seria quem sabe, entrarmos num estado de loucura tão profunda que o dito mundo acabaria. Credo!

Gosto de observar as pessoas e o modo como se expressam. Como falam, como se deslocam, como quando te olham te penetram a alma, ou até como alimentam os pombos. Intriga. Gosto também de observar o modo como são belas e não sabem. Como quando desprevenidas, se iluminam ao mais pequeno gesto que fazem. É bonito.

Há pessoas por quem gostava de um dia passar. De sentir o rasto dos seus perfumes deixados pela correria do andar. De ouvir as suas gargalhadas por coisas sem sentido ou de consigar ler o seu pensamento mais escondido. De as observar. Talvez também essa ansiedade do querer me desaponte. Quem sabe...

Então deixo ao Acaso decidir. Será ele quem colocará as pessoas na minha vida e eu nas suas. Aquelas que distantes me cruzarei, e as que por aqui perto não reconhecerei. E assim saberei que tudo o que vem, um dia terá de ir também.

(02 Fevereiro 2018)

Sem Título.

A verdade é que não éramos inocentes. Naquela noite de meio luar, nossos corpos haviam tecido a trama que a nossa mente se havia esforçado para evitar.

Aquele tique-taque estrondoso do relógio que tanto te irritava tinha parado. Assim como as buzinas histéricas que lá fora gritavam por movimento. E as vizinhas, que nada discretas e frenéticas se punham à janela, estavam hoje resguardadas num inabalável transe do cheiro de nossas velas.

Os últimos raios quentes de sol, atravessavam os vidros e iluminavam teu rosto num particular tom de laranja que não poderia ser descrito senão pela visão. Foi então que nossas mãos se apertaram enquanto lado a lado apreciávamos aquele pôr-do-sol no colchão velho que recusavas trocar. Essa foi uma das coisas que sempre em ti admirei, a despreocupação com a vida, uma viagem sem volta, apenas uma ida.

Posso sentir tua respiração embalada em meu ombro. Tão leve quanto uma folha que se desprende do ramo e segue o vento no seu novo rumo. Teu toque lembra-me a chuva que resfria uma carne que se sente em chamas e teu cheiro é mais forte que o dos malmequeres que enfeitam nossa mesa de jantar.

Talvez nos chamem de loucos ou mundanos sem razão. Irracionais... A verdade é que não éramos inocentes. Foi naquele final de tarde que dois corpos entrelaçados se fundiram e mergulharam ao mais fundo oceano da emoção. Foi ali que me embriaguei da tua alma e provei o teu mais ríspido e sincero tu. Foi ali que crua e simplesmente, te doei meu coração.

(20 Abril 2018)

À vontade.

As janelas não tinham cortinas.

Naquele parapeito, três filas empanturradas de livros (já lidos e muito relidos, suponho, pelo tom amarelado das folhas - ou apenas velhos do Tempo) se alinhavam numa geometria estética.

Em cima, um daqueles manequins de madeira que articuladamente nos ensinam as proporções humanas, se dispunha virado para o candeeiro adjacente às molduras.

De fora, conseguia ver as suas paredes brancas com pinturas marítimas lá penduradas. Suponho que seja pintor. Ou alguém ligado às Artes. Quiçá, estude Humanidades.

As janelas espreitavam para a plataforma que se enchia de gente às horas de ponta. Ou quem sabe, eram os passageiros, os curiosos, os que numa viagem pelos pensamentos se entretinham a magicar novelas do que além delas se passaria, talvez vivas num outro universo paralelo. Eu.

Mas como raio alguém se conseguia concentrar assistindo aos atropelos nervosos e ouvindo aquele turbilhão de motores e vapores que saiam pela gigantesca máquina que revolucionara todo o percurso de uma História?!

Quem sabe, fosse tal proximidade necessária à inspiração do artista que inquieto se movia naquele apartamento de prédio redondo.

O mais provável é nunca chegar a saber...então deixo aqui neste papel a fortuita visão que hoje me faz escrever.

Mas sabes, aquela alma andava seminua pelo seu espaço. Por vezes captada por olhares imprudentes. Alguns a isso chamam de promiscuidade, mas que outro nome pode ter a livre expressão do ser senão que a Liberdade.

(25 Abril 2018)

Memórias de uma velha.

Sinto que timidamente, retorno à escrita como se de ao longe acenasse a uma afastada amiga de infância. As condições são perfeitas: me sinto inspirada e me encontro só.

Ontem celebrei mais um ano e me emocionei. Confesso que não planejei chegar onde estou, ser como sou ou de ter deixado levar a vida o que me levou... memórias.

Me lembro daquele dia que, enquanto fazia de seu peito almofada, me falou que não existiam almas gêmeas. Que elas se encontram espalhadas em milhares de corpos que por aí vagueiam e que por sua vez, continuam nessa incessante e romântica procura sem enxergarem que se encontram todos os dias.

Acreditei. E me lembro também que reprimi o choro e de seguida, beijei seus lábios ferventes ao sabor do chocolate quente que tínhamos tomado lá fora durante mais uma das diárias partidas de xadrez.

As pessoas: era esse o nosso tópico de conversa favorito. Afinal, estudar o comportamento humano é deveras interessante, assim como o seu corpo, que a maioria infelizmente considera promíscuo. E por isso despendíamos horas entre museus e galerias, a apreciar cada traço e curva que os artistas haviam esculpido ou pregado na parede. Transcendíamos a matéria e as pessoas não o entendiam.

Incrível como após todos estes anos ainda sofro de insônias. Ele adormece primeiro e então, lhe ajeito os cabelos que caem sobre seu rosto que viaja noutra dimensão. A sua pele insanamente se mantém morena e os seus olhos cinzentos claros continuam a petrificar quem os fite. Mas eu, estou velha. O peito outrora firme, se tornou mole. O cabelo castanho loiro à luz do sol, desvaneceu. E a face antes lisa, ganhou expressão através dos milhares de lágrimas e risos.

Apago a luz, aconchego-me e agradeço. Escrevo este texto mal engomado só para mim. Para lhe dizer que de entre todos, é apenas para ele que a minha alma sorri.

Inês Reis
28 Julho 2018

Mais uma Ceia

Era mais um ano, e mais uma ceia de Natal. Acreditem, ouvir que o Sr. Matias da ourivesaria usava de facto um capachinho (muitas vezes impossível de desnotar a sua forçada assimetria), ou que a vizinha tinha queimado o almoço de domingo causando um enorme impacto olfactivo nos tecidos estendidos há mais de dois dias devido ao Inverno chuvoso, constituía a mais hilariante e aconchegante playlist do ano.

Todos os anos, as famílias aqui do bairro se juntam e fazem uma espécie de arraial natalino. Nada melhor para se saber todas as coscuvilhices de um ano inteiro num só dia, não é assim? Bem, a verdade é que este ano o espírito do dia mais especial de entre os 366 (este ano foi bissexto), não me tinha pegado.

E foi nesse preciso momento que inesperadamente (ênfase cliché) tudo mudou. De entre toda aquela mixórdia, fez-se silêncio. Os cabelos escuros eram lisos mas de jeito ondulado. O casaco, era de um fato castanho escuro já velho que protegia uma camiseta formal branca desmazeladamente não cintada e fora das calças. Essas, eram largas e verticalmente riscadas num tom igual de castanho. De sapatos, calçava uns chinelos trançados. Primeira impressão? Um hippie formal.

Tive então que me aproximar e fingir que tinha sede e, um pouco de fome. Levantei-me impulsivamente com curiosidade, e fui até à mesa dos comes e bebes. Acalmem-se, cerca de uns três metros antes abrandei o passo e fiz-me de de despercebida. Afinal quem nunca. Os braços seguravam algo. E como a figura enigmática se dispunha em frente da mesa, aproximei-me e perguntei "algo que se coma?". Sem resposta. Cheguei mais perto, lado a lado, e fixei o bolo rei que deliciava qualquer um. "Hm". Acho que a precipitação se tinha agora evaporado. Sem qualquer nexos, peguei num copo de gelatina já preparado e pelo canto do olho, olhei discretamente para a minha direita. Thoreau era o autor dum livro de capa dura suportado por apenas uma mão.

A outra, encontrava-se agora no bolso esquerdo e toda aquela pose fazia transparecer uma personalidade um quanto relaxada. No ar, pairava um sentimento de irreabilidade. Como era possível não ter reparado uma única vez num ser assim tão intrigante em todos aqueles Natais em que o bairro se juntava em uníssono? Dizem que as pessoas entram e saem das nossas vidas com o propósito de nos ensinar algo novo, ou sarcasticamente nos oferecerem uma lição. Quiçá tivesse chegado a minha hora. E esta foi a ocasião.

Murmurei esse tal autor desconhecido da minha biblioteca imaginária, sem querer, e estremeci quando uma voz funda e ao mesmo tempo doce, reagiu: "Conhece?"

Adrenalinicamente retorqui. "Clássico".

Um meio sorriso se fez notar e como se o tempo se imortalizasse num segundo, aqueles olhos castanhos tom de avelã foram até hoje, a coisa mais bonita que alguma vez vi na minha vida. Agora entendo o porquê deste dia tão especial, afinal, não há nada que se compare à magia do Natal.

Inês Reis
Manchester

Conto inserido na Colectânea de Contos de Natal – Volume I, da Chiado Books.

Micro Narrativa

”A visão está turva e pergunto-me se realmente acordei. Os lençóis estão abertos do outro lado da cama. Ele já saiu e eu quero ficar deitada neste clima de frio. Tenho torradas a tostar, plantas a regar e até um muco na boca a cuspir. Mas hoje é sábado e não me apetece levantar.”

Micro narrativa inserida no Volume I da Colectânea de Micro Narrativas Ficcionalis, da Chiado Books.